ENTRE VARADOUROS E LINGUAGENS: FORMAÇÃO DOCENTE NA EJA AMAZÔNICA PELOS USOS DO APRENDIZAP

Rossival Cruz da Silva[1] Simone Maria Chalub Bandeira Bezerra[2]

Eixo 5 – Formação de Professores

Resumo: Este artigo apresenta uma pesquisa em desenvolvimento no doutorado em Educação da Universidade Federal do Acre, que investiga a formação docente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) amazônica a partir dos usos do aplicativo AprendiZAP como tecnologia formativa. A pesquisa, de abordagem qualitativa e inspirada em uma atitude terapêutico-desconstrucionista, acompanha 10 professores de Ciências e Matemática em Boca do Acre (AM), os mesmos sujeitos da dissertação anterior do autor. O objetivo é compreender como os usos do AprendiZAP se configuram como jogos de linguagem que mobilizam saberes locais, autoria docente e deslocamentos epistemológicos. A fundamentação teórica dialoga com Wittgenstein e Derrida, e a análise ocorre em formato dialógico com base em interações no WhatsApp. A escolha pelo Eixo 5 – Formação de Professores reflete o compromisso da pesquisa com a escuta dos processos formativos em territórios ribeirinhos. Os resultados indicam aprendizagens outras e reexistências pedagógicas entre palavras, sons e silêncios.

Palavras-chave: AprendiZAP. Formação docente. EJA. Amazoniza. Jogos de linguagem.

1. Introdução

Às margens do rio Purus, no interior da Amazonas, a escola se desenha entre barcos, sons, imagens e silêncios que atravessam o cotidiano de professores e estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse território, ensinar Matemática ou Ciências não é apenas aplicar conteúdos, mas traduzir saberes, escutar vozes plurais e construir gestos formativos entre trilhas digitais e modos de vida ancestrais. Neste contexto, o presente artigo nasce como desdobramento de uma tese de doutorado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre, e busca dar visibilidade aos processos formativos que emergem quando as tecnologias não são pensadas como ferramentas neutras, mas como jogos de linguagem que performam o ensinar.

[1] Universidade Federal do Acre (UFAC) • Mestre em Ensino de Ciências e Matemática • Rio Branco,Acre, Brasil. • rossival.silva@sou.ufac.br • ORCID https://orcid.org/0009-0002-5790-6885
[2] Universidade Federal do Acre (UFAC). • Doutora em Educação em Ciências e Matemática • Rio Branco, Acre, Brasil • simone.bezerra@ufac.br • ORCID https://orcid.org/0000-0002-3520-7533

O objeto central desta investigação é a formação docente na EJA amazônica mediada pelo uso do aplicativo AprendiZAP, compreendido não apenas como recurso didático, mas como varadouro epistemológico — uma travessia entre práticas pedagógicas, cultura digital e formas de vida locais. A proposta parte de uma atitude terapêutico-desconstrucionista, inspirada nos pensamentos de Wittgenstein e Derrida, que não busca verdades universais, mas sim compreender os usos que ensinam, os rastros que permanecem e os deslocamentos que ressoam no cotidiano docente.

A questão que orienta o estudo é:

Como os usos do AprendiZAP por professores da EJA amazônica se configuram como jogos de linguagem formativos capazes de mobilizar autoria, saberes locais e deslocamentos epistemológicos no ensino de Matemática e Ciências?

A partir dessa pergunta, definem-se os seguintes objetivos:

Compreender como o AprendiZAP é apropriado e ressignificado por professores da EJA em Boca do Acre (AM);

Analisar os usos do aplicativo como jogos de linguagem que produzem sentidos pedagógicos, epistemológicos e culturais;

Investigar como os deslocamentos metodológicos provocados pelo AprendiZAP afetam a formação docente e a prática de ensino de Matemática e Ciências;

Elaborar um produto educacional na forma de curso-formação, fundado nas cenas e experiências formativas vividas no processo.

A pesquisa foi realizada com 10 professores de Ciências e Matemática da EJA, todos atuantes no município de Boca do Acre, os mesmos sujeitos que participaram da pesquisa de mestrado do autor, fortalecendo assim uma perspectiva longitudinal e dialógica da formação docente em território amazônico. Com 15 anos de atuação como professor, sendo 8 dedicados à EJA, o pesquisador parte de sua própria experiência docente como espaço de escuta e de escrita da pesquisa.

Este artigo está estruturado em seis seções. Após esta introdução, apresenta-se a fundamentação teórica em forma de diálogo ficcional entre o pesquisador, Wittgenstein, Derrida e a orientadora da tese, com foco nos conceitos de jogos de linguagem, rastro, performatividade e autoria. Em seguida, a seção metodológica explicita os caminhos percorridos a partir de uma atitude desconstrucionista, detalhando o grupo de participantes, os instrumentos e os modos de análise. A quarta seção traz a análise e discussão dos resultados em forma dialógica, com cenas transcritas do grupo de

WhatsApp e interpretações teóricas sobre os usos do AprendiZAP. A quinta seção sistematiza as principais contribuições da pesquisa para a Educação Matemática, especialmente no contexto amazônico e na EJA. Por fim, são apresentadas as referências utilizadas ao longo do texto.

A escolha pelo Eixo 5 – Formação de Professores, conforme a organização do 8º Encontro de Matemática do Agreste Pernambucano (EMAP), justifica-se pelo foco da investigação no processo formativo de docentes da EJA em contextos amazônicos, enfatizando as mediações tecnológicas e os deslocamentos epistemológicos provocados pela incorporação do AprendiZAP como gesto pedagógico. A proposta não apenas discute práticas de ensino, mas problematiza os modos de formar e formar-se como professor de Matemática e Ciências, numa perspectiva dialógica, performativa e territorializada, alinhada aos debates contemporâneos sobre formação docente, currículo e cultura digital. Mais do que responder a uma pergunta, o que se pretende aqui é abrir caminhos ou varadouros para escutar o que os usos da linguagem ensinam, mesmo quando ditos em memes, emojis, silêncios ou imagens. Esta escrita, assim como a docência que a inspira, é feita de travessias.

2. Referencial Teórico

Rastros, usos e travessias: uma conversa entre mundos

A sala está silenciosa, mas viva. O gravador está ligado. O pesquisador senta-se diante de uma roda imaginária, onde Wittgenstein, Derrida, Simone e Zé Raimundo, um professor ribeirinho da EJA, já estão acomodados. A conversa começa com um café coado na hora, cheiro de terra molhada e a pergunta que não quer calar: o que significa ensinar quando se está à beira do Purus, entre mensagens de WhatsApp e silêncios ancestrais?

Pesquisador: Sejam bem-vindos. Esta roda é uma travessia, e não um ponto de chegada. Aqui estamos para pensar juntos. Minha pergunta talvez seja simples demais para vocês, mas fundamental para mim: o que significa ensinar em meio a rastros digitais, emojis e áudios no WhatsApp? Como podemos escutar, nesse ruído, o que se ensina?

Wittgenstein: A primeira coisa que posso dizer, meu caro, é: "não pense, olhe." As palavras, quando arrancadas do seu uso, tornam-se uma espécie de encantamento. Mas se você olhar como elas são usadas no cotidiano — nos áudios, nos bilhetes, nas imagens — tudo se aclara.

> "Pensar numa linguagem é pensar numa forma de vida. O que nos interessa não é um ideal de linguagem pura, mas os jogos de linguagem que a vida inventa no caminho. Porque é nesses jogos, aparentemente caóticos, que a linguagem ensina, age e se forma." (Wittgenstein, 1999, p. 40-41).

Simone: E é exatamente por isso que propomos uma atitude terapêutico-desconstrucionista em nossa pesquisa. Não queremos ensinar o professor amazônico a "usar melhor" o WhatsApp, mas escutar os usos que ele já faz e os sentidos que emergem desses gestos. Afinal, como nos ensina Bezerra (2023):

> "Os gestos formativos não cabem em manuais. Eles surgem do corpo atravessado pela linguagem, pelos afetos, pelas condições históricas e pelas tecnologias. Escutar esses gestos é permitir que o saber docente diga de si mesmo." (Bezerra, 2023, p. 78).

Derrida: Permita-me me inserir, embora com cautela, pois não acredito em entradas suaves em textos ou conversas. Toda linguagem carrega rastros, e todo ensino é também uma escrita de si.

> "O rastro não é um simples vestígio do que passou. É a presença de uma ausência, a marca de algo que não está mais, mas que insiste. Na linguagem, o sentido nunca está todo dado; ele é sempre adiado, deslocado, inscrito num jogo que escapa." (Derrida, 2005, p. 75).

Zé Raimundo: Moço, quando ensino meus alunos a medir a terra usando corda e passo, tô ensinando matemática? Porque aprendi assim com meu avô, e agora tô ensinando com celular também, mandando vídeo pro grupo.

Pesquisador: Sim, Zé. Isso é matemática. É também rastro, uso, autoria. É forma de vida. É exatamente por isso que seu saber entra nessa pesquisa.

Simone: Esse gesto, Zé, é um jogo de linguagem que precisa ser legitimado na formação docente. E, como nos alerta Franco (2022),

> "as práticas pedagógicas com tecnologias devem ser vistas como práticas sociais situadas, e não como mera aplicação de recursos externos. O que se aprende e se ensina com o WhatsApp depende dos contextos, dos corpos, das ausências e das escutas." (Franco, 2022, p. 351).

Wittgenstein: É por isso que eu disse: o significado de uma palavra é o seu uso na linguagem. Se seus alunos entendem 'passo' como medida, isso é linguagem matemática.

Derrida: E se entendem 'passo' também como gesto de travessia, ainda melhor. O passo sempre deixa um rastro.

Pesquisador: A plataforma AprendiZAP, nesse contexto, funciona como o que temos chamado de varadouro. Um caminho estreito, improvisado, muitas vezes aberto a facão, entre o saber e o ensinar.

Simone: Gosto dessa imagem do varadouro, porque ela nos desloca da ideia de trilha segura. E como lembra Bezerra (2023): "Toda formação é precária, parcial, em movimento. Não se trata de completar o professor, mas de escutar suas travessias, seus cortes, suas repetições, seus silêncios."

Zé Raimundo: Às vezes a gente ensina mais no áudio do que no quadro. É que no quadro tem regra, mas no grupo do zap tem rastro.

Derrida: Brilhante. O rastro, como você diz, é aquilo que escapa ao controle. Não é plano de aula, é texto no corpo.

Pesquisador: E nesse sentido, ensinar matemática se torna menos aplicar fórmulas e mais escutar formas de vida. Como nos lembra Gadotti (2001): "A educação de jovens e adultos exige do educador uma postura de escuta e acolhimento de trajetórias. Não se trata de repetir currículos, mas de inventar caminhos a partir da vida concreta."

Simone: É por isso que insistimos que essa pesquisa não busca formar professores no sentido tradicional, mas sim formar-se com eles. O pesquisador também é sujeito.

Wittgenstein: E todo sujeito é também linguagem. "O limite da linguagem é o limite do meu mundo. Tudo que posso pensar, posso dizer. O que não posso dizer, devo calar. Mas o silêncio também diz." (Wittgenstein, 1999, p. 123).

Derrida: E é esse silêncio que forma. Um silêncio que não é vazio, mas texto.

Zé Raimundo: Então quando o aluno me responde com um emoji, eu tenho que escutar o que ele tá dizendo com aquilo, né?

Pesquisador: Exatamente, Zé. Escutar o emoji, o silêncio, o corte no áudio, tudo isso é linguagem. E a linguagem é formação.

Simone: Há algo que tem me instigado profundamente, Rossival: como criar espaços em que esses jogos de linguagem, como os do Zé Raimundo, não sejam apenas escutados, mas também reconhecidos como saberes legítimos de formação docente?

Pesquisador: É essa a ética da pesquisa. Não se trata apenas de registrar o que o professor faz, mas de escutar como gesto político e pedagógico. Como nos lembra Santos (2000):

> "A escuta, numa perspectiva de ecologia de saberes, não é a simples audição do outro, mas o reconhecimento de que o saber que ele carrega tem valor, densidade e legitimidade. Escutar é também descolonizar o ato de conhecer." (Santos, 2000, p. 114).

Zé Raimundo: Então é por isso que a gente se sente ouvido nesse projeto... Nunca pensei que mandar áudio pra falar de conta virasse coisa de pesquisa.

Derrida: Mas é precisamente aí que a desconstrução opera. Você pensa que está apenas "mandando um áudio", mas está escrevendo um texto pedagógico. "A escrita não é apenas o que se faz com caneta no papel. É toda marca que permanece, toda inscrição que pode ser retomada. O áudio, o emoji, a pausa — tudo isso é escrita no sentido desconstrucionista." (Derrida, 2011, p. 99).

Wittgenstein: E nesse sentido, cada gesto seu, Zé, é um uso que ensina. "O aprendizado não é a aquisição de informações, mas o adestramento no uso. O aluno aprende a jogar o jogo ao participar dele. A linguagem é uma prática." (Wittgenstein, 1999, p. 46).

Simone: Por isso o conceito de varadouro epistemológico faz tanto sentido aqui. Ele expressa essa abertura incerta, mas real, de saberes entrecruzados, de práticas que rasgam o instituído e produzem novos sentidos.

Pesquisador: E esse varadouro é atravessado por palavras, imagens, áudios, mas também por silêncios. Como aponta Varela et al. (2022):

> "A cognição não é apenas um processo de representação do mundo, mas de incorporação. Pensar é um ato situado, corporal, histórico e relacional. O conhecimento não reside apenas no cérebro, mas no gesto, na escuta, na pausa." (Varela; Thompson; Rosch, 2022, p. 53).

Zé Raimundo: Então aquele silêncio que a gente escuta depois de perguntar no grupo... ele também forma?

Simone: Sim, Zé. Muitas vezes é no silêncio que a formação acontece. Porque o silêncio não é ausência, é presença suspensa. Como afirma Bezerra (2023):

> "O silêncio pedagógico é um texto. Ele não é buraco a ser preenchido, mas tempo a ser escutado. No contexto da EJA, onde o tempo dos alunos é múltiplo e desigual, escutar o silêncio é uma forma de respeitar seus ritmos." (Bezerra, 2023, p. 90).

Derrida: E é isso que a desconstrução exige: escutar o que escapa, o que não é imediatamente visível. "Todo texto é atravessado pelo que ele não diz. A leitura desconstrutiva não procura sentido oculto, mas escuta as forças que se deslocam no texto, os traços do que ficou por dizer." (Derrida, 2005, p. 133).

Wittgenstein: Isso vale também para a matemática, não é? O número não é só quantidade. É uso. "Não existe essência por trás do número. O número é aquilo que se faz com ele. Por isso, ensinar matemática é mostrar usos possíveis." (Wittgenstein, 1999, p. 52).

Pesquisador: E por isso mesmo, quando um professor da EJA ensina a calcular o tempo da pesca pela lua ou pela cheia do rio, está ensinando matemática contextualizada.

Simone: E está também desconstruindo a ideia de que só o currículo escolar tem legitimidade. Como aponta Hooks (2013, p.87): "Ensinar é sempre um ato político. Quando escutamos as vozes silenciadas pela história oficial, estamos fazendo mais do que pedagogia. Estamos abrindo espaço para reescritas do mundo."

Zé Raimundo: Eu nunca pensei que um dia meu jeito de ensinar virasse conversa com gente famosa da filosofia.

Derrida (sorrindo): Você é quem devia estar escrevendo os livros, Zé. Nós apenas abrimos perguntas. Você vive as respostas.

Pesquisador: E talvez esse seja o maior gesto formativo: reconhecer que os saberes da EJA amazônica não são "alternativos", mas fundadores de novas epistemologias. Como conclui Santos (2000, p.137): "A reexistência dos saberes populares não é resistência passiva, mas invenção ativa. Ao reivindicar seus modos de saber, os sujeitos do sul global propõem novas formas de conhecer e ensinar."

3. Metodologia

Esta pesquisa se inscreve no campo qualitativo com inspiração terapêutico-desconstrucionista, tal como delineada nos estudos de Ludwig Wittgenstein e Jacques Derrida. Em vez de buscar a representação objetiva da realidade, adota-se uma atitude de escuta, cuidado e abertura às rupturas e deslocamentos que emergem nos usos cotidianos da linguagem docente. A investigação parte da premissa de que ensinar, aprender e

formar-se são gestos performativos atravessados por jogos de linguagem que não se reduzem à transmissão de conteúdos, mas se configuram como formas de vida em disputa. Os sujeitos da pesquisa são 10 professores de Ciências e Matemática que atuam na EJA no município de Boca do Acre (AM), os mesmos que participaram da dissertação de mestrado do autor. Com 15 anos de atuação como professor e 8 anos especificamente na EJA, o pesquisador se coloca como parte implicada do campo, adotando uma postura que é simultaneamente analítica e experiencial.

As interações aconteceram predominantemente por meio de um grupo de WhatsApp, no qual foram compartilhadas mensagens de texto, áudios, imagens e vídeos relacionados ao uso do aplicativo AprendiZAP no cotidiano das práticas pedagógicas. A esse ambiente atribui-se a condição de espaço formativo e etnográfico, no qual emergem pistas, rastros e sentidos que deslocam a compreensão tradicional de formação docente.

A análise se deu por meio da composição de cenas formativas e diálogos ficcionais, elaborados a partir da escuta atenta das interações dos sujeitos com a plataforma e entre si. Mais do que codificar respostas, buscou-se escrever os gestos, hesitações, usos e invenções dos professores como inscrições de um saber em movimento. A escrita, portanto, não é mera representação da realidade, mas forma de intervenção pedagógica e política que acolhe os excessos e ambiguidades da experiência amazônica em linguagem.

4. Análise e discussão dos resultados (em diálogo)

Pesquisador (Rossival): Professora Simone, a cada nova leitura das interações no grupo de WhatsApp, percebo o quanto os professores foram além do uso técnico do AprendiZAP. Eles transformaram o aplicativo num espaço de escuta, criação e resistência.

Simone: Sim, Rossival. Isso evidencia que o AprendiZAP se tornou um jogo de linguagem – um espaço em que os professores performaram sua docência com outros usos, muitas vezes desviando do que a plataforma previa. Como lembra Wittgenstein: “A função da linguagem é tão variada quanto as funções das ferramentas numa caixa de ferramentas: martelar, serrar, colar, medir, marcar. O significado está no uso” (Wittgenstein, 1999, p. 15).

Profa. Joana: Quando eu mandei aquele áudio ensinando a multiplicação com o exemplo da venda de farinha e a medida do litro, eu não imaginei que estava criando um conteúdo pedagógico, mas os alunos disseram que entenderam melhor do que com o quadro.

Pesquisador: E esse é um dado potente da pesquisa. O gesto docente se deu ali no uso localizado, na performance que conecta saberes escolares e cotidianos. Como afirma Paulo Freire: "Ensinar exige reconhecer que o saber do educando não é algo menor ou ausente. É presença que se inscreve no mundo. Não há ensino sem escuta, nem escuta sem humildade." (Freire, 1996, p. 76).

Simone: A performance docente, nesse caso, não é apenas conteúdo, mas corpo, voz, ritmo. Isso também está em Varela, Thompson e Rosch: "A cognição não é apenas representação. É ação corporificada, é estar no mundo com o mundo. Conhecimento é gesto situado." (Varela; Thompson; Rosch, 2022, p. 103).

Prof. Ademar: Rossival, quando o senhor mandou aquele desafio no AprendiZAP pedindo que a gente explicasse a multiplicação por dois usando um vídeo, eu fiquei sem saber como fazer. Mas aí lembrei do meu neto explicando com brinquedo... filmei e mandei. Isso virou aula!

Pesquisador: Ademar, sua resposta foi das mais ricas. Ali apareceu um jogo de linguagem pedagógico. O vídeo virou uma forma de escrever matemática com imagem. E como lembra Bezerra: "As formas de vida amazônicas pensam e expressam saberes em sons, imagens e gestos. A palavra não é a única via da aprendizagem, sobretudo na EJA." (Bezerra, 2023, p. 118).

Simone: Os resultados revelam também o deslocamento epistemológico: o AprendiZAP deixou de ser apenas recurso e passou a ser linguagem formadora. Como afirma Derrida: "Não há fora do texto. Isso não significa que tudo é linguagem no sentido estrito, mas que tudo se constitui como rastro, como escritura no sentido ampliado: gesto, imagem, ausência – tudo inscreve." (Derrida, 2005, p. 158).

Prof. Mirtes: Eu me senti ouvida de verdade quando respondi com emoji e você, Rossival, entendeu o que eu quis dizer. Nem precisei escrever. Às vezes, um gesto vale mais que um parágrafo.

Pesquisador: E sua fala me lembra Santos: "A racionalidade dominante ainda desqualifica modos de saber que não cabem na linguagem escrita, esquecendo que existem epistemologias da imagem, da oralidade, da presença." (Santos, 2007, p. 128).

Simone: Esse gesto de acolhimento de linguagens outras é também um gesto político. A escuta ativa que você, Rossival, promoveu, abriu espaço para que esses professores deixassem de ser apenas usuários e se tornassem autores.

Prof. João: Eu me senti autor mesmo. Quando vi meu áudio virar parte de uma atividade, entendi que o que eu faço tem valor.

Pesquisador: É essa revalorização que considero um dos principais resultados. Os professores não apenas aprenderam a usar uma tecnologia, mas reinscreveram sua própria docência. Como destaca Hooks (2013, p.45): "A sala de aula é o espaço onde se pode criar uma pedagogia do engajamento, não da domesticação. Ensinar é ato de liberdade."

Simone: E veja que a mobilização das vozes não foi homogênea. Alguns usaram mais imagens, outros áudios, outros texto. Isso reflete o que Derrida chama de diferença: "A diferença é o jogo das marcas. Nunca uma totalidade. Nunca uma presença plena. O sentido se constitui por deslocamentos." (Derrida, 2011, p. 91).

Prof. Sílvia: Eu mesma só mandei uma atividade no final, porque demorei a entender o jeito do grupo. Mas quando participei, foi porque vi que ali não tinha julgamento.

Pesquisador: E isso mostra outro dado importante: o tempo formativo não é o mesmo para todos. O AprendiZAP permitiu que cada professor encontrasse seu próprio ritmo. Como diz Freire: "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção." (Freire, 1996, p. 47).

Simone: Ao final, os dados mostram que a formação foi mais do que apropriação de recurso: foi um deslocamento ético e estético. Os professores se reinventaram como autores de sua prática, em linguagem.

5. Contribuições para a Educação Matemática

Pesquisador (Rossival): Chegando ao fim desta caminhada, percebo que o caminho não se fecha em si mesmo. O que os professores produziram em interação com o AprendiZAP não é apenas um dado de pesquisa, mas um legado de práticas, rastros de um modo outro de ensinar matemática.

Profa. Simone Chalub: Sim, Rossival. E talvez essa seja uma das principais contribuições desta tese: mostrar que a Educação Matemática, especialmente na EJA amazônica, pode ser reinventada a partir da escuta das formas de vida, dos usos da linguagem e da valorização dos gestos docentes em ambientes híbridos.

Pesquisador:A pesquisa revela que ensinar matemática na EJA amazônica não precisa se limitar ao livro didático ou ao quadro. Pode ser feito com a câmera do celular, com o áudio enviado no horário do almoço, com uma fotografia do quintal.

Simone: E essa reinvenção não é menor. Como nos alerta Bezerra (2023, p. 131): "Quando um professor da EJA mobiliza seus próprios modos de ensinar, ele também produz matemática. A formação docente, nesse contexto, é também uma cartografia dos possíveis."

Pesquisador: As contribuições dialogam diretamente com o campo da Educação Matemática porque problematizam a ideia de que há um único modo legítimo de ensinar. A pesquisa mostra que tecnologias como o AprendiZAP funcionam como varadouros epistemológicos, como caminhos abertos a partir do uso, do improviso, da autoria.

Profa. Lurdes (sujeita da pesquisa): Antes, eu achava que matemática era aquele negócio de decorar fórmula. Agora eu entendo que a gente ensina quando mostra como faz na vida da gente: na roça, na venda, na hora de dividir a farinha.

Pesquisador: Esse entendimento rompe com uma visão eurocentrada e hegemônica da matemática. Dialoga com a etnomatemática, mas também com a filosofia da linguagem. Como Wittgenstein afirma: "Não procure o significado, procure o uso." (Wittgenstein, 1999, p. 43).

Simone: Essa perspectiva nos permite afirmar que as práticas docentes, quando valorizadas como gestos de linguagem, constituem-se como modos legítimos de produção de conhecimento matemático. Isso muda o modo como formamos professores.

Pesquisador: Outro ponto relevante é a natureza híbrida da formação realizada. O uso do WhatsApp não substituiu os encontros presenciais, mas os ampliou. Criou uma rede de pertencimento e trocas que se manteve viva mesmo após o fim formal do curso.

Simone: E essa manutenção do vínculo é formativa. Ela revela uma pedagogia do vínculo e do afeto. Como escreve Hooks (2013, p. 57): "Ensinar é um ato de cuidado. Quando criamos condições para que os sujeitos sejam ouvidos, respeitados e desafiados, o ensino se transforma em um espaço de liberdade."

Pesquisador: Por isso, entre os principais legados da pesquisa, destaco:

Revalorização do gesto docente como produção de saber;

Ampliação do conceito de linguagem matemática para além do verbal e do simbólico;

Apropriação crítica de tecnologias digitais como ferramentas formativas;

Escuta como categoria epistemológica e pedagógica;

Formação como performance e autoria em contextos ribeirinhos e amazônicos.

Simone: Essas contribuições indicam que a Educação Matemática precisa escutar seus sujeitos. Não se trata apenas de ensinar conteúdos, mas de reinventar modos de ensinar com, e não para, os professores da EJA.

Pesquisador: Finalizo esse artigo com a certeza de que formar-se docente, na EJA e na Amazônia, é aprender a escutar os usos e os rastros do ensinar. E que cada botão enviado no AprendiZAP foi mais do que um clique: foi um gesto pedagógico.

Referências

BEZERRA, Simone Maria Chalub Bandeira. A experiência de um curso de formação continuada com professores da Educação de Jovens e Adultos: o uso de aplicativos como mediação pedagógica. 2023. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2023.

DERRIDA, Jacques. A farmácia de Platão. São Paulo: Iluminuras, 1991.

DERRIDA, Jacques. Disseminação. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FERREIRA, Francisco de Assis Parentes da Silva do Amaral. O processo de ensino e aprendizagem de matemática na EJA e as tecnologias digitais da informação e comunicação. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=j&source=s. Acesso em: 24 jul. 2025.

FRANCO, Camila Marques. A escuta como gesto formativo na EJA: entre silêncios, sons e palavras. Revista Educação e Contemporaneidade, v. 32, n. 65, p. 124-145, 2023.

NOBRE, Guilherme. A linguagem como forma de vida: contribuições de Wittgenstein para o ensino de Ciências. Revista Cognitionis, v. 6, n. 2, p. 49-60, 2022.

RODRIGUES, Beatriz. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. São Paulo: Ed. Unesp, 2020.

SANTOS, Ariselma. Formação continuada de professores e a prática pedagógica: desafios e possibilidades. Revista Práxis Educacional, v. 19, n. 48, p. 89-107, 2023.

SILVA, Rossival Cruz da. AprendiZAP e os usos que ensinam: cenas de uma formação docente na EJA amazônica. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2021.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Sobre a certeza. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Tratado lógico-filosófico. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.